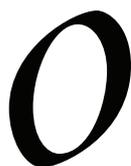


Maria Fernanda Derntl

Orientador:  
Prof. Dr. Jonas Tadeu Silva Malaco



INÍCIO DA HISTÓRIA DE  
DUAS PRAÇAS DO SÉCULO 17:  
A PLACE DES VOSGES, EM  
PARIS, e COVENT GARDEN,  
EM LONDRES

140

pós-

## RESUMO

A bibliografia e a documentação pertinentes à história da Place des Vosges e de Covent Garden, na primeira metade do século 17, são retomadas e analisadas com o objetivo de identificar as diretrizes de seus projetos e esclarecer como vieram a ser construídas. Procura-se mostrar que, no caso da Place des Vosges, a construção foi gradativa e marcada por conflitos entre os vários agentes envolvidos, sem que tivesse existido um projeto mais bem definido de uma *place royale* pela Coroa francesa. Já no caso de Covent Garden, pôde-se entender que a Coroa inglesa impôs, de início, o projeto de uma *place royale*, mas a resistência do IV conde de Bedford às determinações reais impediu sua realização.

## PALAVRAS-CHAVE

Place des Vosges, Covent Garden, produção do espaço urbano, *place royale*, monarquia moderna, século 17.

EL COMIENZO DE LA HISTORIA DE  
DOS PLAZAS DEL SIGLO 17: LA  
PLACE DES VOSGES, EN PARIS, Y  
COVENT GARDEN, EN LONDRES

## RESUMEN

La bibliografía y la documentación relativa a la historia de la Place des Vosges y de Covent Garden, en la primera mitad del siglo 17, son retomadas y analizadas con el objetivo de identificar las directrices de sus proyectos y de esclarecer como fueron construidas. Buscamos mostrar que, en el caso de la Place des Vosges, la construcción fue gradual y marcada por conflictos entre las partes interesadas, sin que existiese un proyecto más definido de una *place royale* por parte de la Corona francesa. Ya en el caso de Covent Garden, pudimos entender que la Corona inglesa impuso, desde el comienzo, el proyecto de una *place royale*, pero la resistencia del IV Conde de Bedford a las determinaciones reales impidió su realización.

## PALABRAS CLAVE

Place des Vosges, Covent Garden, producción del espacio urbano, *place royale*, monarquía moderna, siglo 17.

THE BEGINNING OF THE HISTORY  
OF TWO SQUARES FROM THE  
SEVENTEENTH CENTURY: PLACE  
DES VOSGES IN PARIS AND COVENT  
GARDEN IN LONDON

ABSTRACT

The relevant bibliography and documents concerning the history of Place des Vosges and Covent Garden during the first half of the seventeenth century are reassessed and analyzed to identify their designs' guidelines and to clarify how they were built. This analysis shows that, in the case of Place des Vosges, construction was gradual, marked by conflicts among the several agents involved. There was not a well-defined project of a place royale by the Crown. In the case of Covent Garden, it was possible to understand that the English Crown imposed the design of a place royale at first, but the resistance of the IV Earl of Bedford prevented its realization.

KEY WORDS

Place des Vosges, Covent Garden, urban space production, place royale, modern monarchy, seventeenth century.

(1) BENEVOLO, Leonardo. *Historia de la arquitectura del renacimiento* (del siglo XV ao siglo XVIII). Barcelona: Gili, 1983, p. 906-909 (sobre a Place des Vosges).

(2) GUIDONI, Enrique; MARINO, Angela. *Historia del urbanismo: El siglo XVII*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1982, p. 332-33 (sobre Covent Garden).

(3) LAVEDAN, Pierre. *Histoire de L'urbanisme: Renaissance et temps modernes*. Paris: Henri Laurens, 1941, p. 281-284 (sobre a Place des Vosges) e p. 378-381 (sobre Covent Garden).

(4) MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustav Gili, 1984, p. 220-222 (sobre a Place des Vosges) e p. 282-284 (sobre Covent Garden).

(5) Ver, por exemplo, RASMUSSEN, Steen Eiler. *Towns and buildings...*, p. 167; SUMMERSON, John. *Architecture in Britain...*, p. 84; ZUCKER, Paul. *Town and square...*, p. 200.

(6) LAMBEAU, Lucien. *La Place Royale: la fin de l'hôtel des Tournelles, le camp des Chevaliers de la gloire, les duels historiques, la Fronde, la Révolution, l'appartement du Mis de Favras, à travers le théâtre, Marion Delorme, les scandales, les amours, scènes ridicules et burlesques...* Paris: H. Daragon, 1906.

(7) BALLON, Hilary. *The Paris of Henri IV: Architecture and urbanism*. Nova York/Londres: MIT/Architectural History, 1991.

(8) GADY, Alexandre (Org.). *De la Place Royale à la Place des Vosges*. Paris: Action artistique de la ville de Paris, 1996.

(9) SURVEY OF LONDON. Francis H. W. Sheppard (Ed.). *Vol. XXXV: The Parish of Saint Paul, Covent Garden*. Londres: Athlone Press, 1970.

(10) DOWNS, JR. Arthur Channing. Inigo Jones's Covent Garden: the first seventy-five years, *Journal of the Society of Architectural Historians*, n. 10, p. 8-34, 1967.

(11) DUGGAN, Dianne. London the Ring, Covent Garden the Jewell of that Ring: New light on Covent Garden. *Architectural History, Journal of the Society of Architectural Historians of Great Britain*, Leeds: Maney Publishing, v. 43, p. 140-161, 2000.

(12) A praça será referida aqui sempre como Place des Vosges, seu nome desde 1871.

A Place des Vosges, inaugurada em 1612 e Covent Garden, finalizada em 1638, são casos modelares na história do urbanismo e também consideradas as intervenções mais significativas do período inicial das transformações de Paris e Londres, ainda de aparência medieval, em capitais modernas.

Ao abordarem essas praças, estudos gerais de história urbana de autores como Benevolo<sup>1</sup>, Guidoni e Marino<sup>2</sup>, Lavedan<sup>3</sup> e Morris<sup>4</sup> fazem referência a um projeto inicial distinto daquilo que veio a ser construído, mas não dão conta das razões dessa disparidade. No caso da Place des Vosges, a proposta da Coroa francesa em 1604 era construir uma manufatura de tecidos de luxo, mas em seu lugar veio estabelecer-se uma praça residencial, ocupada pela nobreza e tendo no centro, a partir de 1639, a estátua de Luís XIII. No caso de Covent Garden, alguns autores entendem que a disposição assimétrica da praça construída – onde não há blocos ao sul em correspondência àqueles ao norte – seria uma realização incompleta ou inacabada de um desenho fechado e rigorosamente simétrico<sup>5</sup>. No entanto, a existência de um projeto dessa natureza é apenas um pressuposto.

As praças em estudo são objeto de discussões recentes e prolongadas em estudos específicos. Os primeiros estudos de maior relevância sobre a história da Place des Vosges são de Lucien Lambeau, já a partir de 1906<sup>6</sup>. Mais recentemente, na década de 90, a evolução inicial da praça foi analisada por Hilary Ballon<sup>7</sup> a partir de documentos adicionais, além daqueles já conhecidos. E, em *De la Place Royale à la Place des Vosges*, Alexandre Gady reuniu textos tratando do desenvolvimento das diferentes fases da praça<sup>8</sup>. No caso de Covent Garden, o principal estudo sobre Covent Garden e sua região é a *Survey* de 1970<sup>9</sup>, uma publicação do Departamento de Conservação do Patrimônio Inglês. Em um artigo publicado ainda em 1967, Arthur C. Downs Jr. analisou o início da história da praça a partir de uma apreciação crítica de desenhos e gravuras<sup>10</sup>. E, em 2000, no *Journal of Architectural Historians*, Dianne Duggan<sup>11</sup> faz uma revisão do estado atual das discussões sobre Covent Garden e traz documentos então inéditos sobre a elaboração do projeto.

Retomando a bibliografia específica e a documentação pertinente, este artigo procura examinar, para a Place des Vosges, como a sucessão de propostas da Coroa francesa acabou por levar à construção da praça; para Covent Garden, a intenção é verificar se poderia mesmo ter sido planejado o desenho regular e simétrico e apontar as razões pelas quais a construção teria sido diferente desse possível projeto.

## A PLACE DES VOSGES

A Place des Vosges<sup>12</sup> foi construída entre 1606 e 1612, ao leste de Paris, em um terreno pertencente aos domínios da Coroa

(13) Conforme Babelon, o termo hotel “*emprega-se depois da Idade Média para designar as habitações urbanas do monarca ou dos grandes senhores (...) a residência funcional de um prelado (...) a sede de uma administração (...) ou de um estabelecimento hospitalar*”. No século 17, será estendido para a habitação aristocrática ou burguesa. (BABELON, Jean-Pierre. *Demeures Parisiennes sous Henri IV et Louis XIII*. Dijon: Hazan, 1991, p. 131-2).

(14) “... *maisons uniformes et semblables si possible*”. Cartas patentes de 28 de janeiro de 1563 (calendário antigo). ALPHAND, Adolphe (Org.) *Ville de Paris. Recueil des lettres patentes, ordonnances royales, décrets et arrêtés préfectoraux concernant les voies publiques*. Paris: Impr. nouvelle, 1886, 2me Supplément, p. 1. A maior parte das ordenanças gerais do rei toma a forma de cartas patentes: são cartas abertas, sobre pergaminho, tendo o selo real.

(15) FÉLIBIEN, D. Michel; LOBINEAU, Gui-Alexis. *Histoire de la ville de Paris*, composée par D. Michel Félibien, revue, augmentée et mise au jour par D. Guy-Alexis Lobineau, justifiée par des preuves authentiques et enrichie de plans... et d'une carte. Paris: G. Desprez, 1725, 5v., t. II, p. 1090.

(16) LA MARE, Nicolas. *Traité de la Police*, où l'on trouvera l'histoire de son établissement, les fonctions et les prérogatives de ses magistrats, toutes les loix et tous les réglemens qui la concernent. Paris: J. et P. Cot, 1713, c.VI, p. 81.

(17) Cartas patentes de 4 de março de 1604. ALPHAND, Adolphe (Org.). *Recueil des lettres patentes...*, sup. 2, p. 3.

(18) “*Je lui représentait qu'il feroit détruire un jour, ce qui lui auroit tant coûté à construire; je le fis même souvenir que jettant ensemble les fondemens d'un dessein plus juste & bien plus noble, que nous avions destiné les Tournelles pour un autre bâtiment d'un genre bien différent.*” SULLY, Maximilien de Béthune. *Mémoires de Sully*. Paris: A. Costes, 1814, t. V, p. 86-87.

(19) “... *c'est une malhereuse idée de bastir des quartiers à l'usage exclusif d'artisans et d'ouvriers. Dans une cappitale où se trouve le Souverain, il ne faut pas que les petits soyent d'un côté et les gros et dodus de l'autre. C'est beaucoup mieux quand tout est meslangé. Vos quartiers pôvres deviendraient des*

francesa, o Parque das Tournelles. Nesse terreno havia um palácio fortificado, o Hotel das Tournelles<sup>13</sup>, o qual serviu de residência temporária para a realeza do século 15 até meados do século 16. Alguns anos depois da morte de seu marido, rei Henrique II (1547-1559), em um duelo nas Tournelles, Catarina de Médici determinou que os terrenos do parque fossem parcelados e vendidos e iniciou a construção do Palácio das Tulherias. As cartas patentes de 1564 estabelecem o loteamento do Parque das Tournelles e determinam que aí sejam construídas “*casas uniformes e semelhantes se possível*”<sup>14</sup>. Embora não conste dessas cartas patentes, conforme escrevem Félibien e Lobineau em sua história de Paris do século 18, Catarina de Médici teria também ordenado que o pátio interno do Hotel das Tournelles fosse transformado em praça pública, destinada a um mercado de cavalos, enquanto seu pátio externo deveria ser reservado para residências particulares<sup>15</sup>. No entanto, não houve compradores suficientes para a implantação completa do loteamento previsto e, conforme escreve La Mare, apenas algumas casas foram construídas, “*sem ordem nem simetria*”<sup>16</sup>.

Já no começo do século 17, Henrique IV (1589-1610) firmou um acordo com empreendedores associados para o estabelecimento de uma manufatura de tecidos de luxo em Paris. Em 1604, a coroa cedeu aproximadamente 22.800 m<sup>2</sup> dos terrenos nas Tournelles aos associados no negócio e deve ter aprovado o desenho das instalações<sup>17</sup>.

Mas a manufatura de tecidos no Parque das Tournelles foi criticada por um dos mais importantes funcionários da coroa: Maximilien de Béthune, duque de Sully a partir de 1606. Em suas memórias, Sully conta que procurou persuadir o rei a mudar de idéia: “*Mostrei-lhe que, um dia, ele mandaria destruir aquilo que lhe teria custado tanto para construir, fi-lo mesmo lembrar-se que, colocando em conjunto os fundamentos de um projeto mais justo e bem mais nobre, teríamos destinado as Tournelles para uma outra construção, de tipo bem diferente.*”<sup>18</sup>

Sully defende uma outra função para os terrenos das Tournelles, sugerindo um projeto “mais justo e bem mais nobre”. A oposição à manufatura das Tournelles também se expressa em uma carta atribuída ao dirigente municipal François Miron, *prévôt des marchands* de Paris entre 1604 e 1606 e homem de confiança do rei:

“... *é uma idéia infeliz construir bairros para o uso exclusivo de artesãos e trabalhadores. Numa capital onde se acha o soberano, não se deve ter os pequenos de um lado e os grandes e roliços de outro. É muito melhor quando tudo está misturado. Vossos bairros pobres constituiriam cidadelas bloqueando os bairros ricos*”<sup>19</sup>.

Argumenta-se, nessa carta, que a manufatura implicaria a formação de setores socialmente segregados e isso seria desaconselhável em uma capital.

*citadelles qui bloqueraient vos quartiers riches*". Carta atribuída a François Miron, dirigida a Henrique IV, de 17 de outubro de 1604 (MIRON DE L'ESPINAY, Albert. *François Miron et l'Administration Municipale de Paris sous Henri IV de 1604 à 1606*. Paris: E. Plon, Nourrit et Cie, 1885, p. 314; para a discussão da autenticidade da carta, p. 317-322).

(20) "*Ayant délibéré pour la commodité et l'ornement de nostre bonne ville de Paris, d'y faire une grande place bastie des quatre cottez, la quelle puisse estre propre pour ayder à establir les manufactures des draps de soye et loger les ouvriers que nous voullons attirer en ce royaume, le plus qu'il se pourra et par mesme moyen puisse servir de promenoir aux habitans de nostre ville, les quelz sont fort pressez en leurs maisons à cause de la multitude du peuple q' y afflue de tous costez, comme aussy aux jours de resjouissances lorsqu'il se fait de grandes assemblées et à plusieurs autres occasions qui se rencontrent aux quelles telles places sont du tout nécessaires...*" Cartas patentes de julho de 1605. ALPHAND, Adolphe (Org.). *Ville de Paris. Recueil des Lettres Patentes...*, p. 1.

(21) "*... à la charge de paier par an pour chacune des dictes places, en la recepte de nostre domaine de Paris, ung escu d'or sol, et en oultre de bastir sur la face des dictes places chacun ung pavillon ayant la muraille de devant de pierre de taille et de brique, ouverte en arcades et des galleryes en dessous, avec des boutiques pour la commodité des marchandises, selon le plan et les élévations qui en ont été figurées...*" Cartas patentes de julho de 1605. ALPHAND, Adolphe (Org.). *Recueil des Lettres Patentes...*, p. 1.

(22) "*... tellement que les trois costez qui sont à faire pour le tour de la dicte place, devant le dict logis des manufactures, soient tous bastiz d'une mesme cimettrie pour la décoration de nostre dicte ville...*" Cartas patentes de julho de 1605. ALPHAND, Adolphe (Org.). *Recueil des Lettres Patentes...*, p. 1.

No ano seguinte, em julho de 1605, a fundação da Place des Vosges, então denominada "Place Royale", é estabelecida em cartas patentes, em que Henrique IV declara

*"... ter decidido, para a comodidade e o ornamento de nossa boa cidade de Paris, fazer uma grande praça com construções em seus quatro lados, que possa ser adequada para ajudar a estabelecer as manufaturas de seda e para alojar os trabalhadores que desejamos atrair a este reino e poderá do mesmo modo servir de passeio para os habitantes de nossa cidade, os quais estão muito confinados em suas casas, devido à multidão de pessoas que vem de todos os lados para a cidade, mas também para os dias de comemorações, quando se fazem grandes reuniões de pessoas e para várias outras ocasiões que se apresentem, nas quais tais praças são absolutamente necessárias..."*<sup>20</sup>

Conforme esse documento, a Place des Vosges viria estabelecer-se ao sul da manufatura, onde então havia uma praça de mercado de cavalos. Além de contribuir para o estabelecimento da manufatura de tecidos e para o alojamento de seus artesãos, a nova praça proporcionaria um espaço de passeio para a população que viveria confinada e ainda serviria para comemorações. Ainda de acordo com as cartas patentes de julho de 1605, já teria começado a distribuição de lotes em torno da praça, como uma "recompensa" aos indivíduos que se teriam mostrado dispostos a seguir determinações específicas:

*"... construir, na frente dos citados lotes, cada um, um pavilhão tendo a parede da frente de pedra de talha e tijolo, aberta, em baixo, em arcadas e galerias, com lojas para a comodidade das mercadorias, conforme a planta e as elevações idealizadas..."*<sup>21</sup>

Os proprietários de lotes deveriam erguer pavilhões, tendo fachadas idênticas voltadas para o espaço livre, seguindo as plantas e elevações estabelecidas pela coroa. Ainda conforme as cartas patentes de julho de 1605, o conjunto se apresentaria

*"... de modo que os três lados por fazer em torno da dita praça, em frente da citada construção da manufatura, sejam todos construídos com uma mesma simetria, para a decoração de nossa cidade..."*<sup>22</sup>

De acordo com esse documento, a praça seria formada pela construção da manufatura ao norte e por pavilhões de mesma fachada ao sul, leste e oeste. Desse modo, três de seus lados teriam uma "mesma simetria", qualidade que contribuiria para a "decoração" da cidade.

O projeto da Place des Vosges deve ter sido elaborado pelo *Bâtiments du Roi*, órgão encarregado das atividades de construção reais, criado em meados do século 16. Não há certeza quanto à identidade de seu autor e não se conhecem suas pranchas.

(23) BARBICHE, B. Les Premiers Propriétaires de la Place Royale. In: GADY, Alexandre (Org.). *De la Place Royale...*, p. 50-57.

(24) BALLON, Hilary. *La création de La Place Royale...*, p. 92-97. BALLON, Hilary. *La création de La Place Royale...*, p. 46.

(25) BARBICHE, B. Les Premiers Propriétaires de la Place Royale..., p. 56.

(26) BABELON, Jean-Pierre. *Demeures Parisiennes sous Henri IV et Louis XIII*. Paris: Hazan, 1991, p. 110.

(27) “*Je vous recommande la place Royale: j’ay appris par le Controlleur Donon qu’il se trouvoit quelque difficulté avec les entrepreneurs des manufactures, pour ce qu’ils vouloient abattre tout le logis; ce n’est pas mon avis, et me semble que ce seroit assez qu’ils fissent une forme de galerie devant qui auroit la face de mesme le reste...*” Carta de Henrique IV a Sully de 27 de abril de 1607. Transcrita e comentada em LAMBEAU, Lucien. *La Place Royale...* 1906, p. 29.

As cartas patentes de 1605 permitem concluir que a praça não apresentaria regularidade e simetria absolutas. Residiriam nela os artesãos da manufatura e os indivíduos escolhidos pela coroa. Suas funções seriam várias: serviria para a manufatura de tecidos, a residência dos artesãos e dos proprietários de pavilhões, o comércio, o passeio, as comemorações e as grandes reuniões.

A mudança da proposta da manufatura de tecidos de 1603 para a praça de 1605 pode ser compreendida como uma afirmação dos argumentos do duque de Sully em prol de um projeto bem diferente e “mais nobre”. A nova iniciativa, combinando vários usos, também parece mais de acordo com os argumentos expressos na carta atribuída ao dirigente municipal Miron.

A manufatura de tecidos ao norte da Place des Vosges entrou em funcionamento em meados de 1605. Como descreve Barbiche, os lotes ao sul, leste e oeste foram distribuídos pela coroa entre junho de 1605 e o começo de 1606, mas quase metade dos lotes foram vendidos pelos primeiros proprietários entre dezembro de 1605 e março de 1608<sup>23</sup>. A revenda dos terrenos deve ter sido motivada pela intenção de dispensar o encargo de construir um pavilhão. Conforme a análise de Ballon, os primeiros proprietários de lotes ao sul, leste e oeste teriam mesmo restrições à concepção da praça<sup>24</sup>. A presença dos alojamentos dos artesãos, com suas fachadas distintas dos pavilhões, poderia ser considerada depreciativa ao conjunto. A maior parte dos primeiros proprietários de lotes foi escolhida entre os funcionários da coroa e não havia entre eles nenhum artesão, nem mesmo da aristocracia dos ofícios. A ocupação posterior da Place des Vosges, do reinado de Henrique IV ao de Luís XIV, mostra uma tendência progressiva à residência exclusiva da nobreza<sup>25</sup>. Em alguma medida, entre os primeiros proprietários de lotes, já podia estar presente esse anseio. Além disso, nas cartas patentes de 1605 foram previstas lojas no térreo dos pavilhões, mas, nas residências nobres de então – os chamados hotéis – havia raros exemplos da combinação dos usos residencial e comercial<sup>26</sup>.

Não se sabe quando se teria decidido alterar a fachada dos alojamentos construídos ao norte. Em 27 de abril de 1607, o rei escreveu a Sully:

*“... Eu vos recomendo a Place Royale: soube pelo supervisor Donon que se encontrou alguma dificuldade com os empreendedores das manufaturas, pois eles queriam demolir toda a construção; este não é meu conselho e parece-me que será o bastante que eles façam uma forma de galeria em frente, que teria o mesmo aspecto das demais.”*<sup>27</sup>

Essa carta sugere que já tinha sido decidido construir, no lado norte, o mesmo tipo de fachada proposta nos outros três lados, tendo uma galeria de arcadas no térreo, mas o rei e os associados discordavam quanto ao modo de fazê-lo. Henrique IV declara preferir uma adaptação nos alojamentos à sua demolição. Conforme sugerem

(28) BALLON, Hilary. *La création de la Place Royale...*, p. 49; LAMBEAU, Lucien. *La Place Royale...*, 1906, p. 32.  
 BARBICHE, B. *Les Premiers Propriétaires de la Place Royale...*, p. 56.

(29) BALLON, Hilary. *La création de La Place Royale...*, p. 95.

(30) “*de mesme ordre, cymestrye et architecture*”. Especificações construtivas preparadas por Sully, sem data, reproduzidas em BALLON, Hilary. *The Paris of Henri IV...*, p. 263.

(31) BALLON, Hilary. *La création de la Place Royale...*, p. 48.

(32) BARBICHE, Bernard. *Les Premiers Propriétaires de la Place Royale...*, p. 52.

(33) TRUSCHET, Olivier; HOYAU, Germain. *Icy est le vray pourtraict naturel de la ville, cité, université*. Ca.1552, Bibliothèque Nationale..., GeCC1(11). MERIAN, Mathieu. *Le plan de la ville, cité, Université et Faubourgs de Paris avec la description de son Antiquite*, 1615, Bibliothèque Nationale..., GeCC1, F6.

autores como Ballon, Barbiche e Lambeau, Henrique IV poderia estar mais inclinado a manter os artesãos residindo na praça<sup>28</sup>. Por outro lado, os associados da manufatura poderiam ter percebido a resistência dos demais proprietários de lotes, teriam entendido que poderiam mudar os alojamentos de lugar e ainda poderiam investir em pavilhões de caráter aristocrático<sup>29</sup>. A partir da carta citada, pode-se também concluir que Henrique IV não faria questão da absoluta simetria na praça, pois, se a mudança fosse feita como o rei sugeria – pela simples adaptação – a fachada dos alojamentos ao norte ficaria semelhante, mas não idêntica à fachada dos pavilhões nos outros lados.

A partir de 1607, os alojamentos dos artesãos foram demolidos e foi determinada a construção de pavilhões ao norte “de mesma ordem, simetria e arquitetura” que aqueles no lado oposto<sup>30</sup>. A associação entre os antigos associados foi desfeita, mas cada um deles teria tido de continuar a produzir tecidos de luxo até 1615<sup>31</sup>. Durante a construção, a praça se tornou regular, simétrica e exclusivamente residencial. Os alojamentos dos artesãos foram excluídos e, ainda que os pavilhões da praça tivessem, no térreo, ambientes destinados a lojas, não há evidências de seu funcionamento. O térreo também deve ter sido ocupado por dependências das residências, e apenas no século 19 o comércio viria instalar-se na praça. A atuação dos proprietários de lotes parece ter sido decisiva para a mudança no caráter da praça prevista em 1605. Barbiche atribui mesmo à pressão dos proprietários mais ricos a mudança para o programa exclusivamente residencial<sup>32</sup>.

A Place des Vosges foi inaugurada em abril de 1612. A comparação entre o mapa de Truschet e Hoyau, publicado em 1552 (Figura 1), e do mapa de Merian de 1615 (Figura 2) mostra que o espaço livre quadrado da praça apresenta localização e formato semelhantes a um antigo pátio do Hotel das Tournelles<sup>33</sup>. Há quatro

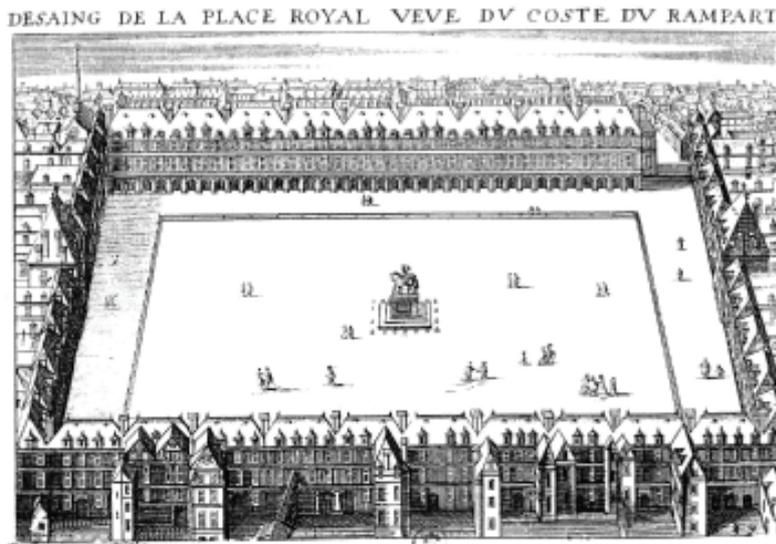


Figura 1: A região das Tournelles no mapa de Paris por volta de 1552 de Truschet e Hoyau  
 Fonte: TRUSCHET, Olivier; HOYAU, Germain. *Icy est le vray pourtraict naturel de la ville, cité, université*. Ca.1552, Bibliothèque Nationale de France, GeCC1(11)



Figura 2: A Place des Vosges no mapa de Paris em 1615, de Merian  
 Fonte: MERIAN, Mathieu. *Le plan de La Ville, cité, Université et Faubourgs de Paris avec la description de son Antiquite*, 1615, Bibliothèque Nationale de France, site Richelieu, GeCC1, F6

Figura 3: Vista a oeste da Place des Vosges entre 1660 e 1682  
 Fonte: DESAING de la Place Royal veue du Costé du Rampart. Boisseau, excu. Privil. Bibliothèque Nationale de France, site Richelieu, y1B57057



vias de acesso à praça: a rue Royale, no ponto médio da face sul, sob o Pavilhão do Rei; a rue do Parc Royal, no ponto médio do lado norte, sob o Pavilhão da Rainha; a rue du Pas de la Mule, uma via preexistente, a nordeste; a rue Neuve Ste. Catherine no vértice oposto, a noroeste. O espaço livre central é vazio – não tem nem mesmo vegetação – e é definido pelas fachadas regulares dos pavilhões contíguos ao seu redor. As fachadas da praça se constituem de pavilhões idênticos articulados entre si ou – no centro dos lados norte e sul – aos pavilhões um pouco mais altos do que os demais, o Pavilhão do Rei e o Pavilhão da Rainha.

Só em 1639 a estátua de Luis XIII foi instalada no centro da Place des Vosges, por iniciativa do duque de Richelieu. Uma gravura de autor anônimo, representando a vista a oeste da praça entre 1660 e 1682 já mostra a estátua ao centro (Figura 3). A partir da introdução da estátua, o espaço livre deixou de ser vazio e, entre o Pavilhão do Rei e o Pavilhão da Rainha, passou a existir a ênfase isolada na estátua.

A Place des Vosges considerada a primeira *place royale* construída<sup>34</sup> e o modelo para as *places royales* dos séculos 17 e 18<sup>35</sup>. Esse tipo de praça se caracteriza, conforme Lavedan, pela forma geométrica, pelo espaço fechado e subtraído da circulação de tráfego (ao menos no século 17), pela construção planejada e pela presença da estátua do rei<sup>36</sup>. Zucker acrescenta que as *places royales* deviam apresentar ênfase em seu centro<sup>37</sup>. Em Paris, o conjunto da Place Dauphine e da estátua de Henrique IV, na Pont Neuf, completou-se em 1614. A primeira praça que veio a ter uma estátua de rei no centro foi a Place des Vosges, em 1639. Depois, vieram a Place des Victories, inaugurada em 1687, embora ainda incompleta, Place Vendôme ou Louis Le Grand, construída entre 1702 e 1720 e Place Luís XV ou de la Concorde, construída entre 1755 e 1775.

(34) SUMMERSON, John. *The architecture of the eighteenth century*. Londres: Thames and Hudson, 1986, p. 155.

(35) LAVEDAN, Pierre. *Histoire de L'urbanisme...*, p. 281; ZUCKER, Paul. *Town and square: from the agora to the village green*. Nova York: Columbia University, 1959, p. 173.

(36) LAVEDAN, Pierre. *Histoire de L'Urbanisme: Renaissance et temps modernes*. Paris: Henri Laurens, 1941, p. 277.

(37) ZUCKER, Paul. *Town and Square...*, p. 184.

(38) A região de Covent Garden pertenceu à abadia de Westminster pelo menos desde o século 17 e até 1540. Era usada como pastagens, para hortas, pomar e também para jardins, daí o nome da praça. Em 1550 e 1552, os terrenos de Covent Garden, com Long Acre e Friars Pyes, foram concedidos à família dos nobres Bedford. (SURVEY OF LONDON..., p. 19-25).

(39) CAMPBELL, Colin. *Vitruvius Britannicus, or the British Architect*, containing the plans, elevations, and sections of the regular buildings, both public and private, in Great Britain, with variety of new designs; in... large folio plates [with explanations] ... , 3 vol., o autor, Londres, 1717-25, gravuras 20, 21 e 22.

(40) GUIDONI, Enrique; MARINO, Angela, *Historia del urbanismo...*, p. 333.

(41) LAVEDAN, Pierre. *Histoire de L'Urbanisme...*, p. 379.

(42) RASMUSSEN, Steen Eiler. *Towns and buildings*. Cambridge: Harvard University Press, 1951, p. 167.

(43) ZUCKER, Paul. *Town and square...*, p. 200.

A história inicial da Place des Vosges mostra que essa praça não tinha a configuração típica de uma *place royale*, nem em 1605, quando foi criada pela coroa, nem em 1612, quando foi inaugurada, mas só em 1639, a partir da instalação da estátua equestre de Luís XIII no centro de seu espaço livre.

## COVENT GARDEN

Covent Garden foi construída entre 1630 e 1638, a oeste de Londres, em Westminster<sup>38</sup>. A praça foi o núcleo do loteamento realizado nos terrenos de propriedade dos nobres Bedford, ao norte de sua mansão. Não se conhecem pranchas originais referentes ao projeto da praça. As gravuras de Covent Garden publicadas em 1717, no “*Vitruvius Britannicus*”, de Colin Campbell<sup>39</sup> (Figura 4), são consideradas por autores como Guidoni e Marino<sup>40</sup>, Lavedan<sup>41</sup>, Rasmussen<sup>42</sup> e Zucker<sup>43</sup> uma reconstituição hipotética do projeto de Covent Garden. Nessas gravuras, a praça apresenta um desenho fechado e simétrico, formado por blocos residenciais de fachada regular ao norte, leste e sul e pela igreja a oeste. O centro do espaço livre está ocupado por um monumento, não se sabe de qual natureza. Se a praça tivesse mesmo sido planejada, tal como mostram as gravuras de Campbell, então o conjunto construído na década de 1630 seria incompleto, pois não continham os blocos residenciais ao sul.

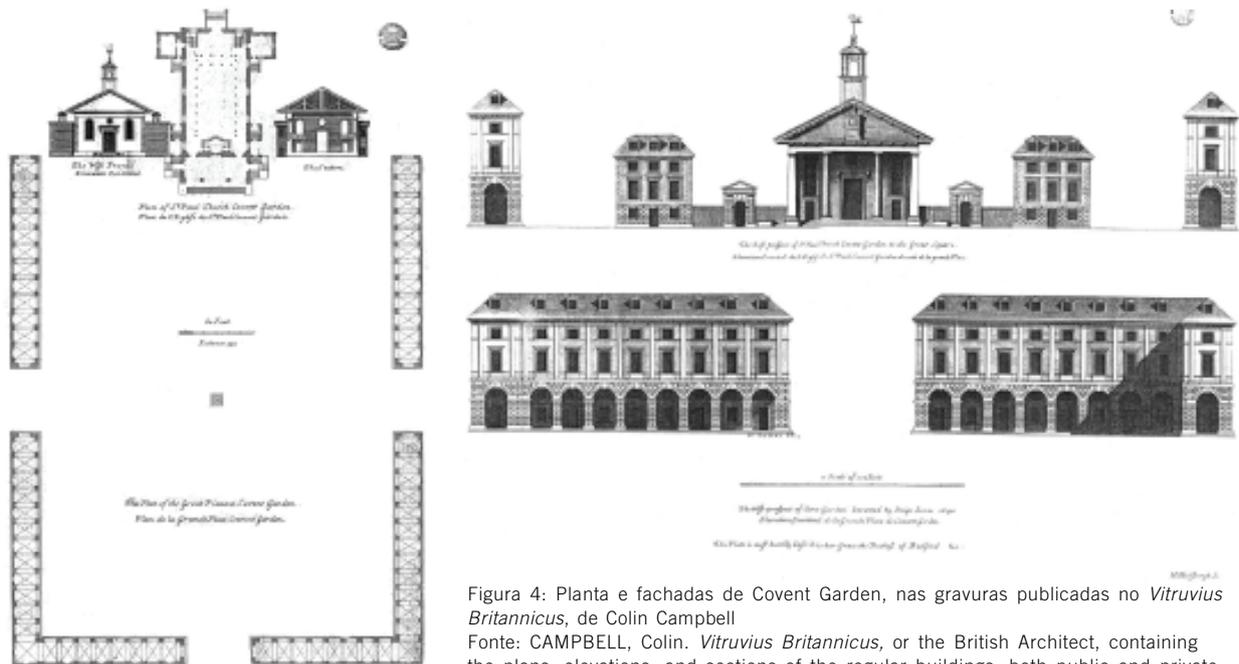


Figura 4: Planta e fachadas de Covent Garden, nas gravuras publicadas no *Vitruvius Britannicus*, de Colin Campbell  
 Fonte: CAMPBELL, Colin. *Vitruvius Britannicus, or the British Architect*, containing the plans, elevations, and sections of the regular buildings, both public and private, in Great Britain, with variety of new designs; in... large folio plates [with explanations] ..., Londres: o autor, 1717-25, 3 v. v. 2, il. 20, 21 e 22

(44) DOWNS JR., Arthur Channing. *Inigo Jones's Covent Garden...*, p. 15.

(45) FUSCO, Annarosa Cerutti. *Inigo Jones: Vitruvius Britannicus*. Rimini: Maggioli, 1983, p. 262.

(46) MCKELLAR, Elizabeth. *The Birth of Modern London: The development and design of the city 1660-1720*. Manchester and Nova York: Manchester University Press, 1999, p. 119.

(47) DUGGAN, Dianne. *London the Ring...*

(48) SURVEY OF LONDON...

(49) "... *humblie besought us for our leave and licence to build the residue of the said feild called Covent garden with uniforme houses and buildings according to the forme and proporçõn in our said proclamaçõn expressed (...) [it is] ... our will and pleasure, that in the said building the platfforme [is to be] contrived by the surveyor of our works and presented unto us to be observed as farre forth as maybe*". Minuta de licença para construir de 3 de maio de 1629. Alnwick Castle..., Box 1, Envelope 2 (transcrito em DUGGAN, Dianne. *London the Ring...*, p. 143).

(50) Em 1618, foi criada uma Comissão de Construções, reformada e ampliada em 1620. Seu objetivo era fiscalizar as construções em Londres e Westminster e zelar pelo cumprimento das medidas das proclamações reais sobre o assunto. Inigo Jones era o principal membro executivo da comissão (SUMMERSON, J. *Architecture in Britain: 1530 to 1830*. Londres: Penguin Books, 1953, p. 83).

(51) DUGGAN, D. *London the Ring...*, p. 143.

(52) "... *before the building was upon this licence the plot of it was shewd to his majesties view, and his majestie was gratusly pleased to view also the place in his own person attended by divers lords commissioners for buildings whereupon he so altered the plot of the buildings that were to be erected*". THE CHARGES of the informaçõn which M'Attorney hath delivered to the Earle of Bedford. Alnwick Castle..., Box 4, Envelope 10, fol. 5, (transcrito em parte por DUGGAN, D. *London the Ring...*, p. 143-144).

Mas alguns autores não consideram as pranchas do "*Vitruvius Britannicus*" uma reconstituição confiável do projeto de Covent Garden. Para Downs Jr., Campbell deve ter desenhado a praça do modo como interpretou a intenção original de Inigo Jones<sup>44</sup>. Fusco considera que Campbell poderia ter representado uma praça fechada e simétrica, diferente daquilo que foi construído, por "*ter sentido a exigência de apresentar ao público 'internacional' um projeto concluído com coerência rigorosa, capaz de comunicar valor absoluto e universal*"<sup>45</sup>. Mckellar adverte ainda que no século 17 não haveria uma etapa tão bem definida de projeto, e não seriam feitos desenhos no estilo e na técnica daqueles apresentados por Campbell<sup>46</sup>.

Documentos escritos sobre o loteamento de Covent Garden, alguns ainda em forma preliminar de redação, transcritos parcialmente e analisados em artigo de Duggan de 2000<sup>47</sup> ou na "*Survey*"<sup>48</sup>, trazem algumas evidências sobre a elaboração da praça. Quando o IV conde de Bedford decidiu lotear suas terras foi necessário solicitar à Coroa inglesa uma licença para o empreendimento. Conforme a mais antiga minuta de licença para construir em Covent Garden que se conhece, de 3 de maio de 1629, Bedford

*"... humildemente rogou nossa permissão e licença para construir no restante dos ditos campos de Covent Garden casas uniformes e construções de acordo com a forma e a proporção expressas em nossa mencionada proclamação (...) [é] nossa intenção e vontade que, na dita construção, o projeto [seja] elaborado pelo supervisor de nossas construções e seja apresentado para nossa apreciação o quanto antes"*<sup>49</sup>.

Nesse trecho, Bedford se mostra disposto a construir segundo as determinações reais e parece mesmo ter sido condicionado ao projeto que seria elaborado por Inigo Jones, supervisor de construções da coroa<sup>50</sup>. Há referência às casas de fachada regular, mas não à sua disposição no conjunto.

Um outro documento, sem data e sem assinatura, é considerado por Duggan uma provável minuta de defesa de Bedford quando ele foi chamado a responder à Câmara Estrelada por supostas construções irregulares em suas terras<sup>51</sup>. Conforme esse provável registro do testemunho de Bedford,

*"... antes que a construção tivesse a licença, seu desenho foi mostrado às vistas do rei e Sua Majestade teve o grato prazer de ver também o lugar em pessoa, acompanhado pelos vários Lordes Comissários de Construções, quando então ele alterou o desenho das construções a serem erguidas"*<sup>52</sup>.

Esse trecho, embora redigido depois do início da construção, informa que, ainda durante a fase de planejamento, o rei Carlos I visitou os terrenos de Covent Garden, apreciou o desenho e, com seu

Conselho Privado e os Comissários de Construções, interferiu pessoalmente na definição das construções.

Em um documento já de 1657, também se encontram evidências que Carlos I atuou no sentido de impor determinações formais a Bedford. Conforme a petição apresentada pelo V conde de Bedford à Câmara dos Comuns em 1657 para pedir a isenção de multas a construções consideradas ilegais em Covent Garden,

*“a maneira e forma dos edifícios tal como se encontram agora foi vista e estabelecida pelo Rei e o Conselho antes das construções serem erguidas e o [IV] Conde comprometido com as formas assim estabelecidas ou então ele não construiria em absoluto”<sup>53</sup>.*

Esse trecho mostra que Bedford teve de comprometer-se a seguir as resoluções do rei e do Conselho Privado quanto à configuração dos edifícios “ou então ele não construiria em absoluto”. A partir desse documento, pode-se entender que pelo menos os lados norte, leste e oeste da praça, onde se fizeram as novas construções, devem ter se conformado às determinações formais da coroa. No entanto, ao sul, não se fizeram novas construções e manteve-se o lote existente da mansão Bedford. Os documentos consultados não esclarecem sobre o desenho planejado para a face sul da praça.

A gravura de Hollar ca.1658 (Figura 6) é uma das poucas imagens nas quais se mostram, ao mesmo tempo, em perspectiva aérea, os quatro lados da praça construída<sup>54</sup>. Nessa gravura se pode constatar o efeito de desequilíbrio produzido pelo conjunto formado pelos volumes simétricos ao norte e ao leste, e pela igreja a oeste em relação à face sul, aberta para o jardim dos Bedford. Como indica Downs Jr., em um trecho da comédia *Covent Garden Weeded*, de 1659, escrita por Richard Brome, a praça é mesmo tomada por inacabada:

*“Cockayne: Ah, gentil senhor: é notável! Estas sim são construções! Aqui está a arquitetura realmente expressa. É uma situação das mais vistosas, adequada para cavalheiros e nobres.*

*Rookesbill: Quando estiver completamente terminada, sem dúvida será bela.”*

O desenho assimétrico da praça construída não parece constituir uma hipótese aceitável de desenho e não é compreendido como o resultado final de um projeto. A disposição dos edifícios ao norte, leste e oeste, de fachada regular, definida por eixos de simetria, pode dar a entender que também teriam sido planejados blocos residenciais ao sul, em correspondência àqueles no lado oposto. O desenho da praça construída parece sugerir, diferentemente daquilo que se realizou, pode ter sido concebida uma praça regular e simétrica, como se vê nas gravuras do Vitruvius Britannicus (Figura 4).

Uma breve análise das outras obras de Inigo Jones também sugere que ele estaria mais inclinado a um desenho de natureza

(53) *“manner & forme of the buildings as now they are viewed & directed by kinge and Councill before the buildings erected and the [IV] earl tyed to the formes so directed or else hee was not to build at all.”* PETIÇÃO apresentada pelo V conde de Bedford para pedir anistia ao Governo da República [*Commonwealth*] das multas aplicadas ao loteamento de Covent Garden. London Metropolitan Archives, E/BER/CG/E8/ I/I (transcrita por DUGGAN, Dianne. London the Ring.... p. 142). Ver a este respeito SURVEY OF LONDON...., p. 34-35.

(54) HOLLAR, Wenceslau. Covent Garden, ca. 1658. In: A FISCHER, John (Introd.). *A Collection of Early Maps of London*. Kent: Harry Margary, Lympne Castle/ Guildhall library, 1981.

(55) Para uma descrição das obras de Jones ver LEES-MILNE, *The age of Inigo Jones* e Colvin, Howard, *A Biographical Dictionary of British Architects 1600-1840*, p. 554-560.

(56) LEES-MILNE., J. *The age of Inigo Jones...*, p. 84; SUMMERSON, John. *The unromantic castle...*, p. 44.

(57) STONE, Lawrence, *The Residential Development of the West End of London in the 17<sup>th</sup> Century*. In: MALAMENT, Barbara (Ed.). *After the reformation: Essays in honor of J. H. Hexter*. Manchester: Manchester University Press, 1980, p. 206.

(58) Petição dos paroquianos de Saint Martin's in the Fields de 30 de novembro de 1638. Public Record Office, SP 16 44/ 51. Transcrição resumida em: *Calendar of State Papers* (Domestic Series). Londres: [s.n.], 1967, v. 13, 1638-9, p. 132, n. 75. Citada pela SURVEY OF LONDON..., p. 125.

simétrica. Há cerca de 20 projetos de autoria documentada de Inigo Jones, produzidos entre 1615 e 1653, incluindo reformas ou construções de mansões e palácios, esquifes reais, portais de jardins e capelas<sup>55</sup>. Suas obras apresentam configurações regulares e ordenações rigidamente simétricas, como se vê, por exemplo, na mansão da rainha de 1616-35, na mansão dos Banquetes de 1619-22, no projeto para a Catedral de São Paulo de 1634-43, no projeto de reforma da mansão Wilton, em Wiltshire e nos desenhos para um novo palácio de Whitehall, produzidos entre 1638 e 1665.

Praças construídas na Europa, na mesma época, poderiam apresentar paralelismos com o desenho planejado para Covent Garden. A Place des Vosges, em Paris, finalizada em 1612 e a Piazza d'Arme, de Livorno, de 1594, são consideradas possíveis fontes de inspiração para o projeto de Covent Garden. A Place des Vosges e a Piazza d'Arme devem ter sido vistas pessoalmente por Inigo Jones<sup>56</sup>. Ambas apresentam uma configuração regular e simétrica. Não se exclui a possibilidade, como sugere Stone, de Carlos I e Jones terem sido motivados pela intenção de emular as atividades do grão-duque da Toscana, em Livorno, ou de Henrique IV, na Place des Vosges<sup>57</sup>.

A observação do desenho do conjunto construído, a análise das obras de Inigo Jones e os possíveis paralelismos com os desenhos da Place des Vosges e da Piazza d'Arme permitem afirmar que o projeto de Covent Garden não deve ter sido senão da praça, tendo a igreja a oeste e blocos residenciais nos outros três lados. Além disso, uma petição de 1638, citada pela Survey, mostra que havia sido previsto instalar uma estátua do rei Carlos I na praça<sup>58</sup>. Nessa petição, os moradores da Paróquia de St-Martin's-in-the-Fields (a qual pertencia a região de Covent Garden), reclamam que o conde de Bedford havia prometido erguer uma estátua equestre do rei, em bronze, cercada por uma grade de ferro, no centro da praça, mas não o fizera.

Ainda que não tivesse sido feito um projeto composto por desenhos com o mesmo estilo ou a técnica empregados por Campbell, pelo menos em relação à disposição geral dos elementos, suas gravuras podem ser consideradas uma representação daquilo que teria sido previsto para a praça. Esse traçado de planta geométrica, fechado, subtraído da circulação de tráfego, apresentando fachadas regulares e tendo a estátua do rei no centro pode ser identificado como uma *place royale*. No entanto, a presença de um edifício dominante no conjunto não é considerada característica do tipo da *place royale*, e Covent Garden tem a Igreja de Saint Paul como edifício de maior destaque.

Embora não estejam presentes nas *places royales* parisienses, ainda assim, como indicam as descrições, acompanhadas de desenhos e gravuras, de autores como Zucker e Clearly, algumas *places royales* incluíram edifícios de maior destaque. Isso acontece, por exemplo, nas Place Louis XIV e Place de la Mairie ou Place Louis XV, ambas em Rennes, das primeiras décadas do século 18, na Place

Royale em Rheims, de meados do século 18 e na Place Royale, atual Place Stanislas, em Nancy, projetada a partir de 1751<sup>59</sup>. Ainda que nenhuma delas tenha como edifício principal do conjunto uma igreja, a configuração prevista para Covent Garden também poderia ser considerada uma *place royale*. Para Summerson, dada a relação entre os projetos de Covent Garden e da Place des Vosges, a idéia dessa primeira praça londrina poderia ser vinculada à da *place royale*<sup>60</sup>.

Uma praça semelhante a uma *place royale* – tendo a igreja a oeste, blocos residenciais nos outros três lados e uma estátua do rei ao centro – poderia ter sido prevista e, no entanto, não ter sido construída. Talvez tivessem existido impedimentos para sua realização completa. Se o lado sul tivesse sido construído de modo simétrico ao norte, haveria também uma rua no ponto médio do lado sul, oposta à James Street. Assim, a praça poderia estar ligada ao Strand, a mais importante via entre Londres e Westminster. No entanto, em seu trajeto, a rua ao sul passaria pelo lote dos Bedford e poderia implicar a demolição da mansão.

A inexistência de uma rua ao sul deve ter sido uma preocupação de Bedford. Conforme descreve a “*Survey*”, logo depois do início das obras, Bedford se empenhou em comprar terrenos para abrir uma nova rua, a oeste do pátio da igreja, desembocando no Strand<sup>61</sup>. Desse modo, a nova rua não interferiria no lote de Bedford.

Mesmo não havendo uma via no ponto médio da face sul da praça, se fossem construídos aí blocos residenciais simétricos aos blocos ao norte, quase todo o jardim da mansão Bedford seria ocupado. Além disso, os blocos ao sul também prejudicariam a vista ao norte, a partir da mansão.

Como indica Downs Jr., um documento de 1677 mostra que o V conde de Bedford cuidou de preservar essa vista. Conforme contrato de 20 de dezembro de 1677, Adam Piggot e James Allen arrendaram o direito de realizar um mercado em Covent Garden e tiveram “*liberdade para construir e fazer adegas e lojas ao longo de toda a parte externa do muro do jardim da mansão Bedford*”, com a condição que as novas construções fossem “*uniformes umas às outras, nos telhados e fachadas, com a altura um pé menor [aproximadamente 30 cm] do que o muro existente do jardim*”; além disso, foram proibidas chaminés nos telhados das lojas sob pena de anulação do acordo<sup>62</sup>. Ao menos enquanto a mansão estivesse lá, conclui Downs Jr., parece improvável que Bedford tivesse a intenção de construir blocos residenciais no fundo de seu lote. A preocupação de assegurar a vista ao norte do jardim da mansão conflitaria com a possível construção de blocos ao sul da praça. A permanência dos Bedford em sua mansão sugere resistência a uma praça de desenho fechado e simétrico.

Depois das obras de construção entre 1631 e 1638, Covent Garden estava recém-construída em 1639. Não se conhecem

(59) ZUCKER, Paul. *Town and Square...*, p. 165-196; CLEARLY, Richard L. *The 'Place Royale' and Urban Design in the Ancien Régime*. Cambridge: Cambridge, 1999, p. 153-271.

(60) SUMMERSON, John. *The architecture of the eighteenth century...*, p. 163.

(61) SURVEY OF LONDON..., p. 6.

(62) Contrato de arrendamento para o mercado, firmado entre o IV conde de Bedford e Adam Piggot e James Allen em 20 de dezembro de 1677. In: *Gentleman's Magazine*, XL new series, 1853, p. 380-383. Reproduzido e comentado por DOWNS JR., Arthur Channing. *Inigo Jones's Covent Garden...*, p. 32.

(63) "Covent Garden, particularly so called, is a curious, large, and airy Square, enclosed by Rails, between which Rails and the Houses runs a fair Street. The Square is always kept well gravelled for the Accommodation of the People to walk there (...). On the North and East Sides are Rows of very good and large Houses, called the Piazzo's, sustained by Stone Pillars, to support the Buildings. Under which are Walks, broad and convenient, paved with Freestone. The South Side lieth open to Bedford Garden where there is a finall Grotto of Trees, most pleasant in the Summer Season; and in this Side there is kept a Market for Fruits, Herbs, Roots and Flowers (...) And on the West Side is the Church of St. Paul's Covent Garden... STRYPE, John. *The Survey" of London*, v. 1, livro 6, p. 87-89, citado por THE SURVEY OF LONDON..., p. 64.

imagens da praça nesse ano, mas as gravuras de Hollar, ca. 1644 e 1658 (Figura 6) representam-na em um estado próximo ao que se encontrava em 1639. A gravura de Scott, realizada no século 18, procura representar a praça ainda na década de 1640 (Figura 5). As fachadas norte e leste estão delimitadas pelos blocos de casas que tendem a formar uma superfície regular e contínua, interrompida apenas pelas vias em seus pontos médios: a James Street, ao norte, e a Russell Street, ao leste. A fachada oeste da praça é dominada pela Igreja de St. Paul, no centro, flanqueada por construções simétricas: nos extremos de ambos os lados há uma casa e, entre a igreja e esta casa, um portal, todos unidos por um muro. No lado oeste, duas ruas dão acesso à praça: a King Street, ao norte, e a Henrietta Street, ao sul. No centro da praça, foi instalada uma árvore, por iniciativa dos moradores da paróquia. Um observador da época, Strype, descreve a praça já no fim do século 17:

*"Covent Garden, assim particularmente chamada, é uma praça curiosa, ampla e arejada (...) Nos lados norte e leste estão fileiras de casas muito boas e amplas, chamadas de piazzas, sustentadas por pilares de pedras, para suportar as construções, sob as quais estão passeios amplos e convenientes, pavimentados com pedra de cantaria. O sul permanece aberto para o jardim Bedford, em cujo extremo há um bosque de árvores, muito agradável na estação do verão; e, deste lado, é mantido um mercado de frutas, ervas, raízes e flores (...) que cresceu numa medida considerável (...). E no lado oeste está a igreja de St. Paul Covent Garden..."*<sup>63</sup>

O lado sul, voltado para o jardim dos Bedford, "permanece aberto". A praça construída não apresentava plena simetria ou regularidade nem era completamente fechada. Os blocos de casas, a igreja e as construções

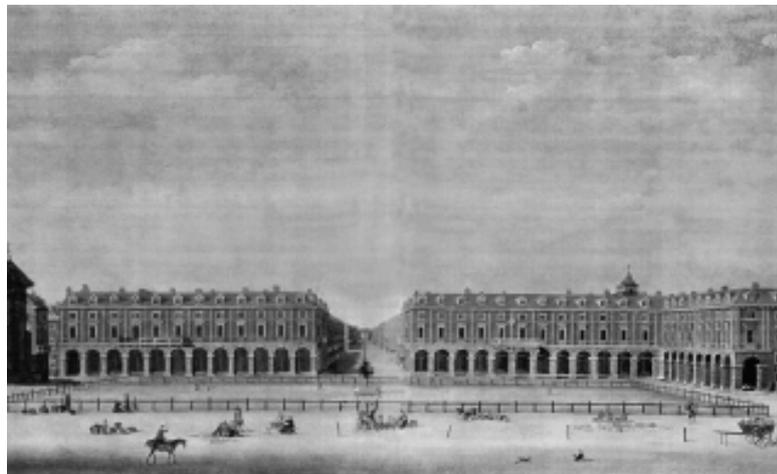
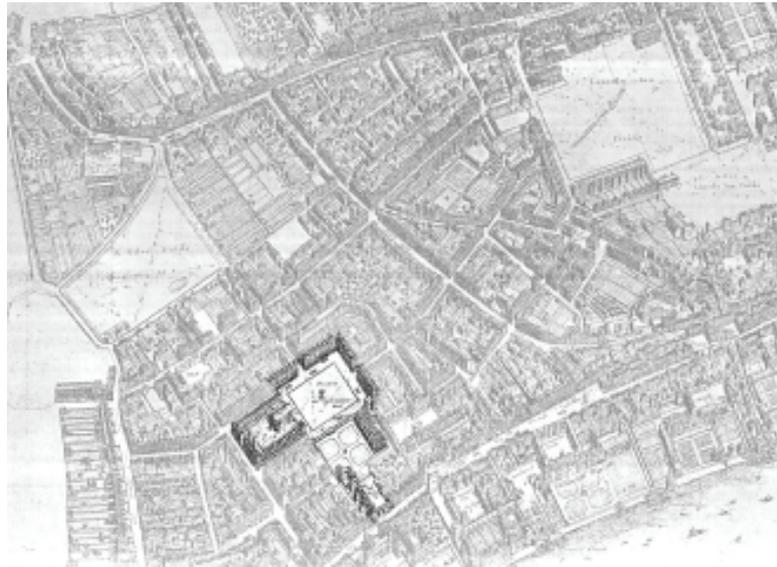


Figura 5: Vista ao norte de Covent Garden, reconstituindo a praça recém-construída, por volta da década de 1640, na pintura de Scott, do século 18  
Fonte: SCOTT, Samuel. Vista ao norte de Covent Garden. In: HIBBERT, Christopher. *London: The biography of a city*. Harmondsworth: Penguin, 1987



(64) LAVEDAN, P. *Histoire de l'urbanisme...*, p. 278.

Figura 6: Vista a oeste de Covent Garden ca. 1658 na gravura de Hollar  
Fonte: HOLLAR, Wenceslau. Covent Garden, ca. 1658. Westminster Archives Center, H 133 (17)

pós-  
ISS

que a flanqueiam, a oeste, devem ter se conformado às determinações da coroa. Como observa Lavedan, embora Covent Garden não tenha a estátua do rei, ainda assim apresenta características arquitetônicas de *place royale*<sup>64</sup>. Ao sul, permaneceu o lote preexistente da mansão Bedford e seu jardim, o que impediu a realização completa do desenho o qual teria sido previsto pela coroa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se conhecem as pranchas dos projetos das praças estudadas e é possível que em nenhum dos dois casos tivesse existido um grupo estável de desenhos contendo especificações mais completas para orientar a construção. No caso da Place des Vosges, a sucessão de propostas para região das Tournelles desde o século 16 contribuiu para determinar o desenho e o uso da praça. A tônica dos estudos gerais da história do urbanismo é ressaltar o aspecto revolucionário da Place des Vosges, mas seu desenho foi produzido de modo gradual e apresenta vínculos com disposições formais preexistentes. No caso de Covent Garden, pôde-se perceber uma etapa mais bem delimitada de elaboração do projeto. Considerou-se haver indícios suficientes para se afirmar que o projeto de Covent Garden não poderia ter sido senão de uma praça simétrica, tendo a igreja a oeste e blocos residenciais nos outros três lados.

A Place des Vosges é considerada na história do urbanismo um modelo de *place royale* – o tipo de praça caracterizado pela planta geométrica e fechada, pela construção planejada e pela estátua do rei no centro. Mas, quando foi criada, em 1605, a Place des Vosges não

configuraria uma *place royale*. Por outro lado, o desenho regular, simétrico e centralizado que teria sido planejado para Covent Garden pode ter antecipado, na Inglaterra, o tipo o qual se convencionou chamar de *place royale*.

Tradicionalmente, a história do urbanismo contrapõe dois modos distintos de produção do espaço urbano na França e na Inglaterra no século 17. A perspectiva de crescente controle das intervenções urbanas em Paris pela monarquia centralizadora opõe-se à pequena expressão da monarquia inglesa no desenvolvimento de Londres. Mas os casos estudados levaram a um entendimento um pouco diferente a esse respeito. A autoridade de Henrique IV não se mostrou hegemônica na elaboração da Place des Vosges. A análise dessa praça indica que múltiplos agentes contribuíram para a configuração da *place royale* de 1639. Por outro lado, investigando-se a elaboração de Covent Garden, pôde-se ver Carlos I exercendo poderes absolutos, ainda que a permanência da mansão Bedford na praça construída mostre uma resistência efetiva às determinações reais. Procurou-se tratar do período inicial do século 17 como uma fase específica da evolução de Londres e Paris.

## BIBLIOGRAFIA

- ALPHAND, Adolphe (Org.). *Ville de Paris. Recueil des Lettres Patentes, Ordonnances Royales, Décrets et Arrêts Préfectoraux Concernant les Voies Publiques*. Paris: Impr. nouvelle, 1886.
- BABELON, Jean-Pierre. *Demeures Parisiennes: Sous Henri IV et Louis XIII*. Paris: Hazan, 1991.
- BALLON, Hilary. *The Paris of Henri IV: Architecture and urbanism*. Nova York/Londres: MIT/Architectural History, 1991.
- BENEVOLO, Leonardo. *Historia de la arquitectura del renacimiento* (del siglo XV ao siglo XVIII). Barcelona: Gili, 1983.
- CAMPBELL, Colin. *Vitruvius Britannicus, or the British Architect, containing the plans, elevations, and sections of the regular buildings, both publick and private, in Great Britain, with variety of new designs*. Londres: o autor, 1717-25, 3 v.
- DOWNS JR., Arthur Channing. Inigo Jones's Covent Garden: The first seventy-five years. *Architectural History, Journal of the Society of Architectural Historians of Great Britain*. Leeds: Maney Publishing, v. 10, p. 8-34, 1967.
- DUGGAN, Dianne. London the Ring, Covent Garden the Jewell of that Ring: new light on Covent Garden. *Architectural History, Journal of the Society of Architectural Historians of Great Britain*. Leeds: Maney Publishing, v. 43, p. 140-161, 2000.
- FÉLIBIEN, D. Michel; LOBINEAU, Gui-Alexis. *Histoire de la Ville de Paris*, composée par D. Michel Félibien, reveue, augmentée et mise au jour par D. Guy-Alexis Lobineau, justifiée par des preuves authentiques et enrichie de plans... et d'une carte. Paris: G. Desprez, 1725, 5 v.
- FUSCO, Annarosa Cerutti. *Inigo Jones: Vitruvius Britannicus*. Rimini: Maggioli, 1983.
- GADY, Alexandre (Org.). *De la Place Royale à la Place des Vosges*. Paris: Action artistique de la ville de Paris, 1996.
- GUIDONI, Enrique; MARINO, Angela. *Historia del urbanismo: El siglo XVII*. Madri: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1982.

- LA MARE, Nicolas de. *Traité de la Police, où l'on trouvera l'histoire de son établissement, les fonctions et les prérogatives de ses magistrats, toutes les loix et tous les réglemens qui la concernent*. Paris: J. et P. Cot, 1705.
- LAMBEAU, Lucien. *La Place Royale: la fin de l'hôtel des Tournelles, le camp des Chevaliers de la gloire, les duels historiques, la Fronde, la Révolution, l'appartement du Mis de Favras, à travers le théâtre, Marion Delorme, les scandales, les amours, scènes ridicules et burlesques ...* Paris: H. Daragon, 1906.
- \_\_\_\_\_. *La Place Royale: Nouvelles contributions à son histoire*. Paris: Impr. municipale, 1916.
- \_\_\_\_\_. *L'iconographie de la Place royale*. Extrait de la Cité, bulletin historique du IV<sup>e</sup> arrondissement, 2<sup>e</sup> supplément. Paris: Jouve1, 1910.
- LAVEDAN, Pierre. *Histoire de L'urbanisme: Renaissance et temps modernes*. Paris: Henri Laurens, 1941.
- LEES-MILNE, James. *The age of Inigo Jones*. Londres: Batsford, 1953.
- MCKELLAR, Elizabeth. *The birth of modern London: The development and design of the city 1660-1720*. Manchester and Nova York: Manchester University Press, 1999.
- MIRON DE L'ESPINAY, Albert. *François Miron et l'Administration Municipale de Paris: Sous Henri IV de 1604 à 1606*. Paris: E. Plon, Nourrit et Cie, 1885.
- MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana: Desde sus origenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. *London: The unique city*. Cambridge: MIT, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Towns and buildings*. Cambridge: Harvard University Press, 1951.
- STONE, Lawrence. The residential development of the west end of London in the 17<sup>th</sup> century. In: MALAMENT, Barbara (Ed.). *After the reformation: Essays in honor of J. H. Hexter*. Manchester: Manchester University Press, 1980, p. 167-212.
- SULLY, M. *Mémoires de Sully*. Paris: A. Costes, 1814.
- SUMMERSON, John. *Architecture in Britain: 1530 to 1830*. Londres: Penguin Books, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Georgian London*. Londres: Penguin Books, 1978.
- \_\_\_\_\_. *The architecture of the eighteenth century*. Londres: Thames and Hudson, 1986.
- SURVEY OF LONDON, Sheppard, F. H. W. (Ed.) *Vol XXXVI: The Parish of St. Paul, Covent Garden*. Londres: London County Council and the Committee for the Survey of the Memorials of Greater London, 1970.
- ZUCKER, Paul. *Town and square: From the agora to the village green*. Nova York: Columbia University, 1959.

**Obs.:**

Este texto apresenta parte do que foi desenvolvido na dissertação de mestrado intitulada "A produção do espaço urbano sob as monarquias modernas: os casos iniciais da Place des Vosges e de Covent Garden", orientada pelo Prof. Dr. Jonas Tadeu Silva Malaco e defendida em outubro de 2004.

---

**Maria Fernanda Derntl**

Doutoranda, mestre e graduada pela FAUUSP.  
e-mail: mariafernanda\_d@yahoo.com.br